



Staccatos nº 10/2003 - 26 de março

Tafona da Canção

Aqui estão todas as letras das músicas classificadas para a décima quinta Tafona da Canção Nativa de Osório. Leia com atenção, analise, forme sua opinião e depois, envie seu comentário e/ou vote nas que você gostar mais. A sua opinião é importante. Sempre!

(Letras gentilmente cedidas pela Secretaria de Desenvolvimento e Turismo)

Algum Dia Milagreiro *Lisandro Amaral e Julio Cesar Fróes - Bagé*

Alma de fronteira...derramou garoas em prantos iguais
Aos índios que o tempo mostrou,junto ao vento, razões de chorar
Em pontas de lanças, a velha esperança e um grito voraz!!!
Tombaram vaqueanos, pecado humano
Que a história sepulta em tempo de paz
E o vento minuano...é o mesmo de outrora rondando na pampa,
Mudaram estampas, chegaram bandeiras e um tempo – sem paz!!!
Rezaram humanos, mas outros vaqueanos sangraram por terras...
Pecado aos homens, a ganância consome
E sepulta sem nome com fúria voraz!
Minha alma endurecida se moldou a voz do vento
E a paisagem consumida tem canções presas por dentro
Algum dia milagreiro abro o fole e curo a alma
Contemplando a noite calma – ergo a paz num chamamé
Sonho peregrino...sob o teu destino esquecemos da fé,
E aos olhos do vento não temos mais tempo nem força no andar...
A vida é um lança e a velha esperança é um grito voraz
Cansaram humanos, dos tantos vaqueanos
Que aos olhos do povo mataram a PAZ...

Artquitetando a Canção *Nenito Sarturi e Erlon Pércles - Santiago e Santa Maria*

Sou arquiteto que prima
Pela beleza da lavra,
Mestre de obras da rima, operário da palavra:
Na solidez da experiência
Aprumo meus pensamentos
Nos ditames da consciência alicerço os fundamentos
Sou pedreiro que trabalha
Com a argamassa da idéia,
Cuja maior recompensa é o aplauso da platéia;
Sou carpinteiro que prega
A paz, em cada "oração",
Sou jardineiro que rega o amor, em cada canção
Edificar as cantigas,
Versos, estrofes, refrões
É como concretar vigas na base das construções...
É gravar frases antigas
Nos esteios dos galpões
E guardar fartas espigas nos celeiros das canções
Sou engenheiro paciente
Que não quer que nada falhe
E calcula – diligente – até o mínimo detalhe...
Sou artesão que eterniza
Num simples toque de mão
E, com talento, humaniza a mais fria "construção"
Sou, enfim, meio servente
Mas não me sinto inferior
Pois cumpro ordens somente que venham do interior:
Por mais humilde o ranchito
Transforma o tom da paisagem
E todo o poema escrito traz a luz de uma mensagem

Barrigudinho *Ivan Terra - Cidreira*

Não tem rancho em casa de pobre
Água mesmo só tem é quando chove
Bala perdida não me comove

A Laguna e o Mar *Sandro Andrade e Paulinho Dicasa - Osório*

Na laguna eu vejo um peixe
Ele vem de algum lugar
Vem do rio vem do riacho
Da lagoa ou do mar
Vem trazendo a esperança
Que um dia vá nascer
No encontro destas águas
Um amor pra se viver
Quando o mar encontra o rio
Que corre pra lagoa
Vejo nascer a esperança
Na minha canoa
Quero encontrar um amor
Tão perfeito quanto o mar
E vou me chamar laguna
Pra poder te abraçar
Na laguna desta vida
Sinto um grande amor nascer
Duas vidas que se encontram
Como as águas a correr
A perfeição deste encontro
Destas águas diferentes
Que são como corações
Que se unem para sempre
No calado de um navio
Que se vê em alto mar
Ou na quilha da canoa
Em água rasa a navegar
Todos procuram segredos
Revelados pela lua
Que no embalo das marés
Vem deixar a terra nua

El Niño *Cláudio Munhoz e Carlos Magallanes - Lavras do Sul*

O choro copioso derrama das nuvens
Lavando canhadas, cobrindo varzedos
Coriscos ribombos assustam os homens
Que mostram soturnos suas ânsias, seus medos
Os rios caudalosos se vão campo afora,
Quem mora nas margens precisa socorro
Amigos, vizinhos, parecem formigas,
Levando seus trastes pro alto do morro
"El Nino" das águas que faz flagelados
Cansados, molhados, sem teto, sem luz,
Rodeio dos ventos na fúria do tempo
Que leva teu nome "Menino Jesus"
Das safras perdidas na esteira da enchente,
Sementes estéreis não vão germinar,
Prenúncio de fome, nos lares campeiros,
À espera de arrimo pra se levantar
Culpado é o homem que em sua ganância
Polui e desmata, destrói a beleza...
E o ciclo das águas, na era de aquário
É o último aviso da mãe natureza

Festa do Rosário *Joarez Pereira e Loreno Santos - Capão da Canoa/Osório*

Hoje tem cantoria
Muita fé no santuário

Vou comprar rango no 1,99
Pra dar bóia pros meus barrigudinhos
Já mandei pra escola municipal
Pra comer merenda estadual
Estudar na cartilha nacional
Com caneta intercontinental
Que é pra não criar uns animal
Vou dar bóia pros meus barrigudinhos
As crianças do pai não são brinquedo
Oxalá que eu arrumo outro emprego
Eu já sei
Veraneio que vem
Vou montar um barraco na areia
Vender milho verde e marisqueira
Papa-terra, tainha e fritada
Meus guri já vão ta mais crescido
Já vão poder trabalhar comigo
Assim no inverno que vem
Eu não vou precisar pedalar
Oxalá! É pá ô bá bá
O teu povo da beira da praia quer cantar
São três meses pra trabalhar
Nove meses pra procriar
E num lençol branco de areia
Com a minha sereia eu vou nanar
A cachaca é pra matar a sede
Alegria ainda é bola na rede
Um barraco na área verde
Com o inter colado na parede
Vou cantando mais um hit-parade
Pra dar bóia pros meus barrigudinho

Derrubada *José Dias Motta e Juliano Javoski - Encruzilhada do Sul*

Peguei um feriado e encabei o machado,
A muque, vasado, numa pedra grossa,
Dei, de rebolo, na minha foice, um trato,
E me fui ao mato "botar um roça";
Pra este ano, eu acho que colho,
Costa de arroio, a seca nem faz massa,
Vai dar, de máquina, umas trinta caixas
Se der bem não baixa de quinze carroças!
Só quem já foi,
Bater machado num fundo de mato
Sabe o estado que o vivente fica,
No meio da chirca e da unha-de-gato!
Sampei-lhe foice abrindo clareira
Rapa-canela, Embira e cipó,
Caraguatá, Japecanga e Taleira
E Reboleira tapada de nó
Mão no machado, pra "Soita" e Branquilha,
Cada Coentrilho que saía um pó!
Ouvindo o eco, quem perto passava
Com razão pensava que não era um só
Só quem já foi,
Bater machado num fundo de mato,
Sabe o que é se ver numa sinuca,
Tapeando a mutuca na unha-de-gato!
De-lhe machado e saltava cavaco,
Roça para um saco não cai tão ligeiro,
Já fui levando tudo encoivarado,
Assim, picado, que nem o lenheiro;
Passou três dias de mormaço "em pé"
Queimava até com um toco dum palheiro,
Chuliei o vento ficar como gosto
Atirei um fósforo... ficou um terreiro!

Só quem já foi,
Lidar com roça num fundo de mato,
Sabe o que é sapecar a cara,
Queimando coivara na unha-de-gato!

O Mascate *Mário Tressoldi e Chico Saga - Tramandaí*

Corre Maria vem ver, vai lá
Pras casas pra chamar o pessoal,
A alegria alvoroçou a estação
Foi o mascate que chegou da capital
Trouxe na mala, brilhantina espelho,

É a procissão do negro
É a festa do Rosário
É no rufar do tambor
Em noite de lua cheia
Coração bate de amor
Quando a paixão incendeia
Vem pra roda me alumieia
Vem dançar o maçambique
Hoje tem festa na aldeia
Com tambor e repinique
Morena não qué que eu vá
Morena não qué que eu fique
Vem traz teu cheiro de amor
E entra neste maçambique
Tem festa no litoral
Tem amor e muito pique
Tem areia mar e sal
E tambor de maçambique

Mar de Vida *Renato Júnior e Loreno Santos - Osório*

Neste mar
Cada concha é uma lembrança
Cada gota uma esperança
Cada onda uma saudade
Neste mar
Nosso barco é a paixão
Nosso leme o coração
Nossas velas a vontade
Neste mar
Muitas vezes a maré
Põe a prova nossa fé
E nos deixa à deriva
Neste mar
Tempestades vêm e vão
Mas o leme coração
Sempre encontra uma saída
Somos todos navegantes
No imenso mar da vida
Hoje e sempre, como antes
Horizontes a buscar
Somos todos navegantes
Nossas velas estendidas
Onde Deus, o comandante
Nos ensina a navegar.

Promessa *Mário Tressoldi e Chico Saga - Tramandaí*

Iluminai, divino espírito
Abençoi, Santa Isabel
O mundo cumpre sua promessa
Com toda aa luz que vem do céu...
A nobre mulher
Das terras de além mar
Com toda a sua fé
Pedia pra Deus
-Não deixe brotar
Discórdia entre os meus
O cheiro de guerra pairando no ar
A sua família à se destruir
A Rainha Santa rezando no altar:
"-A paz no meu reino venho lhe pedir"
"-Prometo teu nome levar
Pro mundo inteiro saber
Da força que vem dessa luz
Que emana de todo teu ser"
Traz a coroa, a bandeira,
E vamos sair pelo mundo afora,
O Imperador já está pronto
A Reino enfeitado, vem chegando a hora.
Qualquer distância é pequena
Pra quem traz no peito a luz do divino,
Segue a folia na estrada
No seu peditório, cumprindo o destino.

Todos os Ventos do Litoral *Elton Saldanha e Ivan terra - Itaquí e Cidreira*

Dormi olhando as estrelas
Deixei minh'alma ao relento
E os sonhos foram levados
Na força dos sete ventos

Seda, linho e cambraia,
Da mais pura qualidade
Ganhando a vida,
Tendo Deus por companheiro
No seu sonho estradeiro
À vender felicidade
Trouxe gravata italiana
Um poncho do Uruguai,
Cachaça de Santo Antônio,
Uísque do Paraguai
Os olhos de uma moça a brilhar,
Comprando peças pra montar seu enxoval
E um riso de criança a contemplar,
A bailarina da caixinha musical
Corre Maria vem ver, vai lá
Pras casas pra chamar o pessoal,
A alegria alvoroçou a estação
Foi o mascate que chegou da capital

Trouxe recados
Entre copos e panelas
Porcelanas e tigelas
Pra qualquer ocasião,
Uma saudade,
Vai ficando em cada ponto,
Cada dia um encontro,
Cada vila uma paixão.
Trouxe charuto cubano,
Direto de Santa Cruz,
Um par de bota serrana,
Bombacha de Bom Jesus.
Sorrindo, o mascate então se foi,
Com um aceno de apertar o coração,
Por certo ele logo encontrará,
Outra Maria lhe esperando na estação.

Por Falar em Flores *Nenito Sarturi, José Antonio Machado e Miguel Marques*

“Pra não dizer que não falei de flores”,
De muitas flores eu falei a ela...
Falei na Rosa, que julgo a mais bela,
E que o mais nobre dos perfumes tem!
Falei nas cores destas muitas flores
E no encanto que elas contêm...
Falei na Orquídea pra esta flor-mulher,
Pois sei agora que ela Bem-me-quer,
Do mesmo modo que lhe quero bem!
Falei nos Lírios e nas Açucenas,
Na singeleza das flores pequenas,
Nas Sempre-vivas, lá do meu jardim;
Nas Violetas que plantei pra ela
Que, debruçadas à minha janela,
Deitam raízes no fundo de mim!
Nas Margaridas busquei a confiança,
Junto aos Suspiros deixei a minha dor,
Com as Begônias colhi a esperança
De que perdure o nosso grande amor.
Falei também nas flores dos campos,
Em prosa e verso tão pouco cantadas...
Onde se juntam, pelas madrugadas,
Em confraria tantos pirilampus!
Como de flores ela entende bem
E talvez julgue o meu relato falho
Falo-lhe agora, e do verso me valho,
Sobre a Camélia, “que caiu do galho”,
Porque a Camélia é uma flor também!
Falei ainda nos brancos Jasmins,
Cravos e Dális que, nestes confins,
Pintam paisagens em tons de aquarela.
Mas o aroma... A beleza infinda...
E a formosura das flores mais lindas
Nem se comparam ao perfume dela!

Sob as Mãos do Tempo *José Hilário Retamozzo e Pedro Guerra*

Carretas rodam seus rodados grandes
Na estrada imensa do que já se foi
O vento veio e foi varrendo os rastros
Das rodas grandes e dos tardos bois
Dentro do sangue lentamente as rodas
Gravam memórias do que sumirá...
Barro agarrado à chapa e às cambotas

O povo do morro no
Troca segredos com a sorte
Incendiando tambores
Nas asas do vento norte
Redemoinha carpinteiro
Desterrando sambaquis
O nordestão feiticeiro
Num céu tisonado de gris
Leva castelos de areia
Que eu fiz quando fui feliz
As nuvens no céu afora
As velas no mar adentro
O meu destino é o das dunas
Que mudam conforme o vento
Vento sul é céu azul
Vento norte não tem sorte
A lestada é chuvarada
Nordestão é viração
Se vai da terra é terral
Se vem do mar é maral
Todos os ventos me levam
Pras bandas do litoral

Uma Quadra de Estância *Paulo R. Costa - Porto Alegre*

Campos cobertos de trevo,
Cerca fina e boa aguada,
Uma mangueira de pedras,
Chão sacrossanto da eguada,
Galpão de quinha pro norte,
Com parapeito pra ensilha,
Onde a peonada campeira,
Trata o lombo da tropilha;
Uma tordilha gaviona,
Refugadora e coiceira,
Relincha e corre a cuscada,
Sob os listões da porteira,
Um dose braças se abre,
Fazendo-a trocar de ponta,
E a peonada já se agarra,
Para o acerto de contas;
Nestes fundões do Rio Grande,
O tempo encurta as distâncias,
E a vida quase que para...
Num belo quadro da estância;
Égua de lombo encardido,
Trás do demônio no rastro,
Bufa e se atira no chão,
Sentindo o peso do basto,
Duas esporas com fome,
Saem batendo cruzadas,
E um mango amacia a tala,
No lombo desta aporreada;
E assim que passam a vida,
Por mais distante que ande,
Gastando cordas e bastos,
Pelos fundões do Rio Grande
Nesta sai de campeiro...
Sem ter lugar pra morada,
Passado a vida e o tempo,
O lombo da bagualada.

Velho Mestre Sibirino *Telmo de Lima Freitas*

Quem entrou no mar a dentro
Foi o mestre do lugar,
Intentando seus intentos,
Nem o vento fez voltar,
Conheceu manhas e senhas
Das ondas do velho mar
Quem pisou com o pé direito
Na proa da embarcação
Pra tirar peixe de conta
Das profundezas do chão,
Não apoita, nem se acoitá,
Remo firme em cada mão.
Mestre bom, faz benzedura,
Patuando com seu patuá,
Padre Nosso, Ave Maria,
Com a pareia vai pescar,
Quem briga com o mar pesado,
Não se cansa de rezar
Velho mestre Sibrino

Pelas rotas que o tempo apagará
Carretas rodam, as buzinas gemem,
Nos atoleiros que peludos brabos,
Os bois afundam, as carcaças tremem
E as pás de corte somem até os cabos
Essas carretas que ainda vejo eu penso
Que é só delírio da imaginação,
Rodam e rodam pelo pampa imenso
Dentro do mapa do meu coração
Carregam trastes das rotinas diárias,
Vão devagar para que nada quebre
Essas carretas são imaginárias,
São as visões de quando estou com febre
Quando percebo tudo que termina
Quando a Querência não é mais como era,
Buzinas choram, choram as buzinas
Meu mundo pobre vai ficar tapera.

Deu prova mais de uma vez,
Puxava e não se achava,
Trinta dia em cada mês,
Com destreza, fez proeza
Que até hoje ninguém fez
As cantigas que cantava
Não consegue mais cantar
Velho mestre Sibirino,
Evangelho do lugar
Mariscando, vai Tateando,
Conversando com o mar.

Staccatos nº 09/2003 - 23 de março

Cobertura

Já estamos preparando a cobertura total do Rodeio e da Tafona.

Serão muitas e muitas informações a respeito de tudo que envolve os dois eventos.

Já começou

As letras das músicas deste ano serão publicadas na próxima edição e, desde o dia 10, já está no ar a relação de todas as 196 músicas que fazem parte dos quinze discos da Tafona. Na Realidade a cobertura já começou desde a Etapa Litorânea da Tafona.

Ai, ai, ai...

Já senti, lendo o Jornal do Antão, que nessa nossa grande cobertura, eu e o Nelson é que vamos trabalhar e "o cara aquele", só vai fazer festa. Perseu: Por favor, toma uma providência! Mas, de todo o jeito, o chefinho autoriza tudo, nenhum plano será mudado.

Pesquisas

Tenho pesquisado algumas coisas sobre a Tafona. Tudo será publicado aqui na coluna, e depois, na página especial da cobertura exclusiva dos nossos Portais, Litoral Norte RS e Eventos-Br.

Participação

A participação dos internautas será muito intensa. A interatividade estará acontecendo sempre. Serão muitas novidades e serviços que, com certeza, os copositores, intérpretes, músicos e seus familiares, amigos e fãs adorarão estar conosco on-line todo o tempo.

Satisfeito? Só tenho uma sugestão: arruma alguma história pro k@bça fazer nessa zorra toda. Quero ver se consigo apresentar pra ele, a sobrinha do Perseu, a Patty Nirvan, que está voltando de Floripa, do seu curso de mestrado em surf. Hehehe

Staccatos nº 08/2003 - 10 de março

Irmãos

Rodrigo e Enzo Munari estão gravando o seu primeiro CD como dupla. O violonista Cássio Ricardo e o baterista Da Costa, estiveram gravando as trilhas instrumentais esta semana, num estúdio em Canoas.

Sites

Os sites da Rima e do Cattulo, agora estão hospedados num de nossos portais, o Eventos-Br. Eles continuam sendo confeccionados em Pelotas, por Régia Campos, e têm muitas novidades. Os novos endereços são: www.rima.rg3.net e www.cattulo.rg3.net mas podem ser acessados pelos links aqui da coluna.